

ENTRE A FÉ E A VINGANÇA: UMA LEITURA DE *O MERCADOR DE VENEZA*, DE SHAKESPEARE.

Lays Borges da Silva*
Luís André Nepomuceno**

RESUMO

O presente artigo se propõe a analisar a comédia *O mercador de Veneza*, de William Shakespeare, conforme uma teoria crítica historiográfica e sociológica, tentando verificar o problema do anti-semitismo na Europa e seus impactos sociais e políticos na sociedade.

PALAVRAS CHAVE: William Shakespeare. *O mercador de Veneza*. Judaísmo. Anti-semitismo. Comédia clássica.

ABSTRACT

The present article aims at analyzing the comedy *Merchant of Venice* by William Shakespeare, according to a historic and social critical theory, by trying to verify the problem of anti-semitism in Europe and its social and political impacts in society.

KEY WORDS: William Shakespeare. Merchant of Venice. Judaism. Anti-semitism. Classical comedy.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

William Shakespeare, cuja fama perdura até os dias atuais, é considerado um dos maiores escritores da Literatura Inglesa e um dos expoentes literários de sua época. Produziu dentre sua vasta obra a comédia *O Mercador de Veneza*, a qual coloca em cena uma exposição dramática de circunstâncias de tensão, em que convivem o preconceito, a violência, o rancor, as paixões, os instintos e a vingança entre judeus e cristãos. Seus personagens atuam como indivíduos complexos expostos às contradições e às dificuldades de seu meio social.

* Graduanda do 6.º Período de Letras (noturno).

** Orientador da pesquisa. Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp, e professor de Literaturas de Língua Inglesa, no UNIPAM.

Qualquer leitor desavisado e desconhecedor da obra shakespeariana indagaria por que *O Mercador de Veneza*, sendo comédia, lida com aspectos tão dramáticos, envolvendo situações conflituosas entre identidades culturais distintas. Mas é sempre bom lembrar que Shakespeare propõe modificações consideráveis na estrutura da comédia clássica, de tradição greco-latina, criando uma comédia em que apenas o desenlace feliz obedece aos rigores do convencionalismo. São as chamadas “comédias sombrias”, da última fase do bardo inglês, nas quais *O Mercador de Veneza* estaria incluída. Na referida comédia, Shakespeare apresenta as mais diversas situações, tanto do lado do judeu quanto dos cristãos, no sentido de conduzir seu leitor ou espectador a motivos passionais e contraditórios.

Nesse sentido, o presente trabalho propõe a análise de uma das comédias mais polêmicas de Shakespeare, que tem despertado as mais diversas reações do público: *O mercador de Veneza*, escrita possivelmente entre 1596-98.

Este estudo se justifica por constituir um referencial teórico acerca do judaísmo e do anti-semitismo, já que inúmeros episódios de discriminação têm sido matéria de polêmica entre países do cenário contemporâneo, justamente pelo desrespeito pela cultura alheia. Nossa reflexão também contribuirá para repensarmos as práticas discriminatórias em nossa sociedade. Por fim, nossa investigação tem como objetivo contribuir para o aprofundamento dos estudos de Literatura Inglesa, disciplina que faz parte da grade curricular da licenciatura em Letras e, ao mesmo tempo, para o aprofundamento de outros estudos literários, já que o drama de Shakespeare tem tido reflexos nos mais diversos momentos da história da literatura. Shakespeare sempre esteve presente nos programas de ensino da referida disciplina, e uma pesquisa que elucide faces relevantes, porém menos conhecidas, de sua obra poderá contribuir para uma sistematização das informações que temos sobre o dramaturgo inglês.

2 SOBRE SHAKESPEARE

William Shakespeare (1564-1616) tem sido destacado como um dos mais canônicos escritores da literatura universal e, certamente, o mais importante dramaturgo da modernidade. Representante das linguagens humanistas e renascentistas vindas, sobretudo, da Itália à Inglaterra, e membro da corte de Elizabeth I, o autor das tragédias, comédias e dramas históricos que deram um passo grandioso à maturidade da Literatura Inglesa precisa ser lido e relido por inúmeras gerações que sejam capazes de lançar novos

olhares sobre a complexidade de sua obra. O drama shakespeariano, bem como a totalidade das obras de escritores vultuosos e tão marcantes quanto o inglês, tem servido de análises e apropriações por parte de críticos, poetas, escritores e filósofos que se debruçaram sobre a sua linguagem, no sentido de adequá-la a diferentes momentos históricos. Clássicos, neoclássicos, românticos, realistas e modernos têm construído imagens específicas de “um” Shakespeare em especial, moldando-o a tendências e linguagens próprias. Daí a necessidade de sempre compreender sua obra com os olhos críticos da ciência literária moderna, amparada por outros vieses críticos, como o da historiografia e o da sociologia.

Shakespeare começou com comédias escritas e encenadas para a família real e logo assumiu o drama histórico, em que recontou a história da Inglaterra da Idade Média aos seus dias (todas elas extraídas das crônicas medievais) e, por fim, as tragédias inspiradas em textos e relatos historiográficos.

Nenhum autor na literatura gozou ou goza de tanto prestígio como Shakespeare. As situações por ele retratadas passam pela ambição, poder, amor, avareza, velhice, ciúmes e racismo.

William Shakespeare, como o dramaturgo mais popular do mundo, nos desafia há mais de 350 anos a conhecer seus personagens míticos. O contador de histórias inglês usou o teatro, meio de comunicação direto, para nossa recreação e reflexão.

Quando Shakespeare começou a escrever, no limiar da década de 1590, a Inglaterra vinha produzindo atividades teatrais regulares, havia pelo menos 400 anos. Até então, as peças compunham episódios bíblicos e o teatro de Shakespeare é herdeiro direto do palco móvel e de atores amadores que abandonaram seus ofícios de origem e acabaram passando de amadores apaixonados a profissionais. A esse respeito, Mutran e Stevens (1988) fazem uma reconstituição bastante didática do trajeto percorrido pelos palcos da Inglaterra nesse período.

Pode-se dizer que Shakespeare foi “a cristalização perfeita desse longo processo de quatro séculos de aprendizado total, saiu-se bem melhor que a encomenda e também esse gênio produziu o que a época sequer se dava conta de que poderia encomendar” (HELIODORA: 2004, p.7).

Ao longo de uma vida dedicada exclusivamente ao teatro, incluindo criação de textos, montagens, direções, atuações e a construção de um teatro na Londres do século XVII, Shakespeare produziu uma obra vasta e diversificada devido à variedade de gêneros descobertos e experimentados por ele, dentre os quais destacam-se os gêneros trágico, cômico e o dramático.

(...) Para completar o quadro dos pré-requisitos exigíveis de um candidato a autor teatral, Shakespeare vai comparecer, fielmente, com aquela que será sua maior característica e mais apaixonante aspecto: sua curiosidade infinita, seu amor, sua compaixão, seu fascínio por todos os aspectos das atividades humanas (...) Em sua sofreguidão pelo aprendizado de todos os gêneros dramáticos que estavam aparecendo, ele vai experimentar a tragédia de clima senecato, que deveria misturar o tom elevado da linguagem retórica com acontecimentos violentos, tirando desse complexo ensinamentos morais e de cidadania. (HELIODORA: 2004, pp.15 e 24).

As comédias de Shakespeare possuem farsas leves, com personagens cômicos, alegres e cativantes. Há também as comédias com temas mais solenes e, por vezes, sombrios – conforme já dissemos –, contendo personagens com desvios de caráter e defeitos morais. Dentre as suas comédias, podem-se citar: *O Mercador de Veneza*, *Muito Barulho Por Nada*, *Como Quiserdes*, *A Megera Domada*, *A Comédia dos Erros*, *Os Dois Cavalheiros de Verona*, *Sonho de Uma Noite de Verão*.

Suas tragédias representam seus maiores sucessos na dramaturgia. Elas apresentam um estudo profundo sobre a natureza humana. Entre as de maior destaque, podem-se citar: *Júlio César*, *Hamlet*, *Othello*, *Rei Lear*, *Macbeth* e *Romeu e Julieta*.

Inspirado nas crônicas medievais, Shakespeare também escreveu dramas históricos, que eram peças que retratavam os reinados dos monarcas da Inglaterra Medieval. Além de servirem como entretenimento, eram também uma importante fonte de informação sobre o passado da nação. Entre elas, podem-se destacar: *Ricardo II*, *Henrique IV* (em duas partes), *Henrique V*, *Henrique VI* (em três partes), *Ricardo III*, *Rei João*, *Henrique VIII*.

No que diz respeito à totalidade de sua obra, pode-se dizer que

a obra dramática de Shakespeare junta uma visão poética e refinada com um forte caráter popular, no qual os assassinatos, as violações, os incestos e as traições são os ingredientes mais leves para o divertimento do público (...) Shakespeare é sempre atual. Sua mensagem atinge todas as classes sociais, religiões, ideologias políticas e estados da alma. Ele festeja o amor, os manjares, a bebida, a música, a amizade, a conversação e a beleza variável e constante da Natureza. O homem que Shakespeare apresenta reflete sua experiência, senso comum e invulgar sabedoria. (...) Todas as épocas e todos os homens encontram sua imagem refletida no espelho universal de Shakespeare. Os ecos de sua paixão e de sua poesia ressoam em nosso espírito - e assim será, certamente, ainda por muito tempo. (Poesia, in www.starnews2001.com.br/Shakespeare.HTML.)

Entre as peças classificadas como “comédias” (e pensando-se na dimensão que adquire esse gênero de dramaturgia na obra shakesperiana), está *O mercador de Veneza*, que será analisada no presente trabalho.

Esta obra lida com a temática do judaísmo, abordando os preconceitos sofridos pelos judeus na Europa na Idade Média, fato que já existia há séculos antes de Cristo, que foi se alastrando no decorrer dos anos e que ainda é uma realidade atualmente.

Veremos que, ao longo da história, houve conquistas e derrotas tanto por parte de cristãos, quanto de judeus. Por essa razão, faremos, a seguir, uma breve reconstituição da história dos judeus, até o cenário atual, passando pelo contexto da peça de Shakespeare.

3 ANTIJUDAÍSMO

A história dos judeus abrange um período de quase quatro mil anos, no decorrer dos quais cada geração manteve forte ligação com as anteriores, garantindo assim a continuidade entre a história antiga, a medieval e a moderna, que depois de quase dois mil anos de exílio, viu renascer o Estado de Israel. Por mais de vinte séculos e em muitos lugares até hoje, o povo de Israel viveu entre outros povos, na diáspora, palavra grega que significa “dispersão”. (BAHBOUT, 2002, p.6).

O judaísmo é uma religião da qual surgiram o cristianismo e o islamismo, mas diferentemente destas, caracteriza-se ainda por ser um “sistema de vida”, uma “cultura” e uma “civilização” (BAHBOUT, 2002, p. 4). Os judeus são um povo que, ao longo dos séculos, foram unidos pela história e por seus ideais comuns. Enquanto as outras religiões se espalharam pelo mundo, na tentativa de conquistar fiéis das mais diversas etnias, em tempos históricos igualmente diversos, o judaísmo manteve-se restrito à própria comunidade de Israel, de tal forma que ainda hoje ser judeu significa, ao mesmo tempo, ter uma religião e pertencer a uma identidade étnica específica.

“A história judaica teve início no século XVIII a.e.v (antes da era vulgar), quando o patriarca Abraão abandonou Ur, transferindo-se para a Terra Prometida, a Terra de Canaã”.(BAHBOUT, 2002, p.8). Depois disso, os judeus vagaram pelo deserto durante quarenta anos, guiados por Moisés, em busca da “Terra Prometida”. Quando a conquistaram, dividiram-na entre si e formaram doze tribos.

Na terra conquistada, os judeus se expandiram e construíram o Templo de Jerusalém, fazendo prevalecer, então, um grande período de paz. Posteriormente houve guerras com as populações vizinhas por causa dessa terra.

Em 722 a.e.v., as tribos que habitavam a Terra Prometida foram derrotadas em uma guerra contra os assírios. Expulsas de suas terras, cada tribo seguiu para um lugar diferente, em busca de uma nova terra, de um lar.

Segue, então, na história do povo judeu, um árduo período, como afirma Bahbout:

As lutas para a conquista da Judéia foram se tornando cada vez mais violentas, até que Roma enviou seus exércitos para restabelecer a ordem. As legiões romanas, sob o comando de Vespasiano, primeiro, e Tito, depois, conquistaram a Judéia e Jerusalém, destruíram o templo e expulsaram os judeus, dando início à longa diáspora hebraica. (BAHBOUT, 2002, p.10).

Devido à destruição do Segundo Templo por Tito, em 70 e.v. (era vulgar), o povo judeu se viu obrigado a viver em outros países, juntamente com outros povos, surgindo, assim, a “diáspora” ou “dispersão”.

Durante o período da diáspora na Alta Idade Média, a Babilônia foi o principal lugar onde os judeus se estabeleceram. As talmudes foram elaboradas e, por um bom tempo, os judeus foram deixados livres para professar a sua religião, sob a condição de pagamentos de impostos. No Ocidente, os judeus se encontravam principalmente em Portugal, na Espanha, no sul da Itália e na costa norte da África.

Quando os judeus se viram pressionados pela Inquisição, eles tinham duas escolhas: ou aceitavam ser expulsos dos países onde residiam ou se convertiam ao cristianismo. Os judeus que aceitavam a conversão, na maioria das vezes, estavam apenas simulando para não serem expulsos e estavam secretamente ligados à antiga fé. Estes eram chamados de “marranos”, termo que significa “traidores”. Sobre a situação destes na Península Ibérica, e por extensão, sobre o antijudaísmo europeu, Delumeau faz a seguinte consideração:

Na história cristã do antijudaísmo europeu, podem-se distinguir duas faces e também duas mentalidades. Em um primeiro momento, considerou-se que o batismo apagava no convertido as taras do povo deicida. Mais tarde, na prática, colocou-se em dúvida e considerou-se que o judeu conservava a herança dos pecados de Israel. Nesse momento, o antijudaísmo tornava-se racial, sem deixar de ser teológico. (DELUMEAU, 1993, p. 302-303).

Essa discriminação também acontecia com frequência em outros países da Europa, chegando a tal ponto que a “conversão” já não bastava, e novamente ocorreram expulsões, como postula Bahbout:

Na Inglaterra, na França e até na Alemanha eram considerados estrangeiros para todos os efeitos e expulsos de acordo com a vontade e o capricho dos poderosos. Os judeus foram expulsos da Inglaterra em 1290 e da França em 1394, com exceção da Provença. A expulsão da França e da Inglaterra foi acompanhada de uma violenta polêmica contra a “usura judia”, um fenômeno que resultou de pressões da sociedade cristã. (BAHBOUT, 2002, p.14).

Os judeus viveram na Inglaterra séculos antes de Shakespeare, e isso quer dizer que curiosamente o dramaturgo descreveu a detalhada conduta psicológica de um judeu, em *O Mercador de Veneza*, muito provavelmente sem jamais ter tido contato pessoal com um representante da comunidade de Israel. É o que afirma Gerald Messadié, a respeito da expulsão dos judeus da Inglaterra:

Curta tolerância: em 1282, o arcebispo de Canterbury mandou fechar todas as sinagogas de sua diocese. A cristandade inglesa decididamente tinha dificuldade em lidar com os judeus: no dia 18 de julho de 1290, Eduardo I expulsou-os todos da Inglaterra. (...). Os judeus só retornariam oficialmente em 1656. Foi, pois, com total desconhecimento de causa que, em 1600, William Shakespeare descreveu em *O Mercador de Veneza* o judeu Shylock, vindo reclamar a libra de carne que Bassânio lhe devia e que havia sido dada em garantia de três mil ducados. No tribunal, Shylock pretende prevalecer-se das leis de Veneza. Ele recusa os três mil ducados, quer sua libra de carne. “Como sou um cão, tome cuidado com meus dentes afiados”.(MESSADIÉ, 2003, p.196).

Pelo fato de os judeus serem excluídos ou proibidos de exercerem certas atividades de comércio ou terem determinadas profissões, como cargos políticos, por exemplo, a atividade que lhes restou para sua sobrevivência foi “a usura” e, a partir do século XI, os judeus foram se especializando cada vez mais no empréstimo a juros.

Para oferecer pequenos empréstimos para os pobres, muitas vezes, os governos locais concediam um contrato aos indivíduos judeus, conhecido como *condotta* que lhes permitia viver num lugar por um número estipulado de anos, sob a condição de estabelecerem uma banca de empréstimos. (...). O princípio do *condotta* também funcionava numa escala mais ampla: nas cidades grandes, onde havia uma necessidade de capital para investimento, comunidades todas de judeus recebiam uma *condotta* para disponibilizarem o capital para empreendimentos maiores.(Esta situação é o cenário da peça de Shakespeare *O Mercador de Veneza*).O acordo tinha de ser renovado em períodos fixos e, a cada renovação, os termos deviam ser renegociados entre a comunidade judaica e a autoridade local. (SCHEINDLIN, 2004, p. 228)

A partir do século XVI, ocorreu a imposição dos “guetos”, espécie de bairros que segregavam os judeus dos demais cidadãos, por meio de uma concentração em espaços fechados a muralhas, onde todos os judeus eram obrigados a viver, e onde as regras de sobrevivência eram rigidamente determinadas por uma legislação cristã. Os guetos se concentraram principalmente na Itália, onde a Contra-Reforma manifestou-se como forte ideologia dominante e onde a Igreja manteve políticas mais decisivas para a conversão dos judeus.

Numa cidade pequena, um gueto poderia consistir de nada mais do que uma única rua insalubre e apinhada de gente com um portão de ambos os lados. O primeiro gueto na Itália, estabelecido em Veneza, em 1516, emprestou seu nome a todos os guetos fundados subseqüentemente – a palavra significa

“fundição” no dialeto veneziano; este, nome do bairro em Veneza que primeiro confinou os judeus. (SCHEINDLIN,2004, p. 226).

O mundo moderno manteve igualmente uma política rigorosa de preconceito e discriminação contra os judeus. Entre 1938 e 1945, desenvolveu-se, na Europa, o Nazismo e o Fascismo, movimentos racistas e anti-semitas. O fascismo, na Itália, promulgou leis nas quais constavam que aos judeus não era permitido freqüentar determinados locais, e estes eram expressamente obrigados a seguir tais leis.

Na Itália, com o fascismo, em 1938, foram promulgadas leis raciais contra os judeus: eles ficavam proibidos de freqüentar locais de férias ou estâncias de cura; ensinar em escolas públicas e em universidades, e as crianças judias foram expulsas das escolas públicas. Um quarto da população judia italiana foi deportado. (BAHBOUT, 2002, p.24).

O Nazismo, por sua vez, foi um movimento ainda mais radical e violento que o fascismo. Comandada por Adolf Hitler, essa política instalada na Alemanha desde 1933 tinha idéias totalitárias e de superioridade racial. Para Hitler, os alemães pertenciam a uma “raça pura” destinada a dominar a humanidade. Todas as outras “raças” humanas seriam inferiores, principalmente os judeus, “raça impura”, à qual Hitler atribuía grande parte dos males da humanidade. Para ele, os judeus eram os responsáveis pelo marxismo e pelo capitalismo financeiro internacional que, na opinião dele, deviam ser combatidos.

O Nazismo, principalmente, se propunha a “solucionar” o problema judeu com a eliminação física dos israelitas. Tal fenômeno se diferenciou das perseguições e dos massacres que já haviam acompanhado a história da diáspora não apenas pelo número de mortos (seis milhões), mas por ter sido uma tentativa de aniquilação radical da diversidade hebraica. Mesmo entre tantas ambivalências e rejeições, pelo menos até os choques que se seguiram à Revolução Francesa, os judeus eram tolerados dentro da sociedade.

No Holocausto, ou shoá, seis milhões de pessoas, entre homens, mulheres e crianças (um terço do povo judeu) perderam a vida nas matanças perpetradas pelos alemães nas cidades e nos campos de concentração da Europa. Dos sobreviventes, uma parte emigrou para o Estado de Israel, que estava sendo criado, e ficou famoso o episódio com o navio *Exodus*. (BAHBOUT, 2002, p.24).

Atualmente os judeus mantêm comunidades não apenas no estado de Israel, mas em diversas partes do mundo, em condições melhores do que em qualquer época da Antiguidade. Depois da Segunda Guerra, e apesar da legitimação do Estado de Israel em 1948, aprovado pelas Nações Unidas, os judeus espalharam-se pelo mundo. Hoje, há cerca de treze milhões deles e estes residem em diversos países, como no estado de Israel, nos Estados Unidos, na Europa e em alguns países da América do Sul.

Para os judeus da diáspora, hoje é mais fácil e mais aceitável ser um cidadão judeu de um Estado não-judeu do que jamais o foi no curso inteiro da história judaica.(...) Hoje, existe um lar nacional cultural e intelectualmente produtivo, o indivíduo pode estar ativamente envolvido na vida judaica e ser um cidadão pleno de qualquer país civilizado – e existem várias maneiras de ser judeu: culturalmente, religiosamente, intelectualmente ou organizacionalmente. Ambos, Israel e a diáspora, enfrentam desafios, mas nunca houve uma época melhor para fazer parte da história judaica. (SCHEINDLIN, 2004, p. 377-379).

A identidade judaica e o problema do anti-semitismo são questões que precisam ser levantadas e discutidas no mundo atual, uma vez que o conhecimento que se tem sobre o fato ainda é insuficiente, diante dos problemas levantados ainda hoje, no mundo moderno, e sobretudo por causa das diferenças entre judaísmo e cristianismo. Mesmo hoje, os velhos preconceitos contra os judeus e simpatizantes da cultura judaica ainda são visíveis nas políticas internacionais.

O cristianismo criou uma comunidade supranacional focalizada numa fé em comum, em vez de numa história e num modo de vida comuns. Assim, transformou a idéia judaica de restauração nacional por um rei num conceito de redenção individual por meio de um salvador pessoal; e descartou quase todos os ritos e práticas, tornadas as características distintas mais óbvias do judaísmo. (SCHEINDLIN, 2003, p.96).

Inúmeros episódios de discriminação têm sido matéria de polêmica entre países do cenário contemporâneo, justamente pelo desrespeito à cultura alheia, pelos interesses financeiros e pelo desconhecimento das identidades estranhas à cultura própria.

O estudo do judaísmo e do anti-semitismo na comédia de Shakespeare, mesmo que trate de questões aparentemente distantes de nossa realidade, pode ser um bom motivo para se repensarem as práticas culturais e discriminatórias de nossa própria sociedade.

4 O MERCADOR DE VENEZA

Em síntese, *O mercador de Veneza* põe em cena Bassânio, um nobre veneziano que perdeu toda sua herança e que agora deseja casar-se com Pórcia, uma bela e rica herdeira. Seu amigo Antonio concorda em lhe emprestar o dinheiro necessário para cortejar a dama requintada, e Bassânio vai até Belmonte para este fim. Como Antonio é mercador, toda a sua fortuna está investida numa frota de navios mercantes que se encontram em terras estrangeiras. Ele faz um empréstimo com Shylock, um judeu agiota que concorda em

emprestar o dinheiro, desde que Antonio empenhe um quilo de sua própria carne como garantia. O trato é a forma igualmente rancorosa que Shylock utiliza para se vingar do inimigo Antonio, que sempre o desprezara na praça e no mercado, por conta de suas origens étnicas. Quando Bassânio chega a Belmonte, percebe que a conquista da dama depende de um teste envolvendo três arcas; na verdade, um jogo de inteligência criado pelo pai de Pórcia antes de morrer. Ainda feliz por ter sido “aprovado” no teste, recebe a triste notícia de que os navios de Antonio naufragaram e de que o amigo está agora submetido às decisões de Shylock, que, amparado pela justiça, poderá cortar-lhe uma porção de carne.

Embora com desfecho feliz (pelo menos para os cristãos que se opõem ao judeu), *O mercador de Veneza* faz parte daquelas comédias da segunda fase de Shakespeare, em que a dramaticidade impõe-se sobre o gracejo e as circunstâncias quase trágicas são rapidamente levadas a um final feliz, que caracteriza os desfechos de uma comédia clássica, o que não deixa de produzir um efeito tragicômico que antecipa as peças finais da obra do dramaturgo inglês.

A partir da leitura desta peça, nota-se que, diante de um confronto entre Antonio e Shylock, que dificilmente tenderia à conciliação, Shakespeare coloca em cena uma circunstância tão envolvida por rancores e sentimentos passionais, de ambos os lados, que o espectador, ou leitor, se vê dividido entre as imposições e os preconceitos de cada um dos personagens. Princípios éticos se misturam a paixões, argumentações retóricas são postas a serviço das imposturas e, por fim, a insensatez convive com a necessidade de império da lei. *O mercador de Veneza* leva ao palco não apenas um conflito pessoal, mas o drama histórico das relações conflituosas entre cristãos e judeus na Europa, de forma que as discussões entre justiça e ética se vêem manchadas por uma dimensão mais ampla, pautada pelo preconceito e pela vingança.

Podemos comprovar isso em um diálogo entre Shylock e Antonio, no qual notamos também ressentimentos e rancores por parte dos personagens:

Shylock

Senhor Antonio! Quantas vezes, quantas, declamastes contra mim no Rialto? Quantas me maltratastes por causa do meu dinheiro e dos juros que lhe faço render? Com que paciência eu vos aturava, encolhendo os ombros, por isso que a paciência é a virtude característica da nossa raça! Chamáveis-me herege, cão de mal feitor, e cuspiéis sobre as minhas vestes de judeu e de tudo isto pelo emprego que eu dou ao que é meu. Está tudo muito bem! Parece, porém, que chegou a ocasião de terdes precisão de mim e vindes procurar-me, dizendo: “Shylock, temos necessidade do vosso dinheiro.” Eis o que dizeis, senhor, sem vos lembrardes do que me escarrastes na cara e me sacudistes com a ponta do pé, como se eu fosse um cão vadio que estivesse a vossa porta! E agora que me pedes dinheiro, que é que eu devia responder-vos? “Então, um cão tem dinheiro? Então um cachorro pode emprestar três mil ducados?” Ou quereríeis que eu, inclinando-me até ao chão, com voz de escravo, com a respiração ofegante, com humildade que mal nos deixa falar,

vos respondesse: “Meu bom senhor, na última quarta-feira, vossa senhoria escarrou-me na cara; há dias expulsou-me a pontapés; doutra vez, chamou-me cão; em paga destas delicadezas, vou emprestar-vos todo dinheiro que me exigis”. (SHAKESPEARE, s.d, pp. 39-40).

Antonio

É provável que continue a chamar-te esses nomes, a escarrar-te na cara, a dar-te os mesmos pontapés. Se queres emprestar-me esse dinheiro, empresta-mo – não como a um amigo, pois nunca se viu a amizade aproveitar-se do vil metal, que confiou a um amigo – mas como a um inimigo, porque se eu faltar a palavra, fazes melhor figura exigindo a minha punição. (SHAKESPEARE, s.d, p.40).

Tendo em vista o diálogo entre o judeu e o cristão, notamos um elevado preconceito racial, nacional e religioso. Ambos os personagens não hesitam em usar palavras ofensivas.

Diante de tamanhas disparidades ideológicas, especialmente envolvidas por uma contenda radicalmente polêmica, Shakespeare parece ocupar uma posição neutra em relação a este conflito. Portanto, é preciso esclarecer que não se trata de buscar no próprio autor as complexidades que envolvem o seu drama, mas nas circunstâncias históricas que ele põe em cena. Perguntar a si mesmo se Shakespeare foi anti-semita ou se apenas denunciou práticas discriminatórias em sua peça pode ser um exercício inócua e ingrato. O palco elisabetano foi um espaço de discussões e encenações de dramas humanos, subordinados a momentos da História, ainda que a abordagem seja relativa a questões universais. Exercício bem mais produtivo seria mesmo buscar as raízes históricas e o princípio das diversidades que está no pensamento de cada personagem.

O crítico Harold Bloom, seguindo essa possibilidade crítica, afirma que “somente um cego, surdo e mudo não constataria que a grandiosa e ambígua comédia shakespeariana *O mercador de Veneza* é uma obra profundamente anti-semita [...]”, mas que “seria improvável que o próprio Shakespeare fosse anti-semita”.(BLOOM, 2000, p.222). Bloom ainda postula que “Shylock é um daqueles personagens shakespearianos que parecem transpor limites das peças a que pertencem” (Idem, p. 222).

Tal afirmação pode ser comprovada pela uma fala do personagem Shylock, considerada a mais impressionante de toda a peça. Quando o Duque pergunta: “De onde espera o perdão, se não o dá?”, Shylock responde com uma força extraordinária, questionando a própria base da economia de Veneza:

“Eu nada devo recear porque não fiz mal algum. Tendes entre vós numerosos escravos que comprastes e que empregais como jumentos, como cães, como machos nos serviços mais abjectos e servis pela única razão de os terdes comprado. Dissesse-vos eu: dai-lhes a liberdade, casai-os com as vossas herdeiras! Para que os obrigais a arquear debaixo de tão grandes pesos? Por que é que os seus leitões não são bem fofos como os vossos e os seus

paladares não são lisonjeados com acepipes tão finos como os que vos são servidos? Responder-me-eis: os escravos são nossos. Eu respondo-vos também: a libra de carne que eu exijo é minha, comprei-a muito cara, pertence-me, hei de tê-la. Se ma recusais, anátema sobre a vossa lei! Os decretos de Veneza doravante serão letra morta. Aguardo a vossa justiça; não ma recusareis, pois não?” (SHAKESPEARE, s.d, pp. 136-137).

De acordo com Bárbara Heliodora (2004, p. 228), “não deixa de ser interessante que todos achem muito justa a pena dada a Shylock, de perder todos os seus bens, mesmo que seu intento de cortar a libra de carne não se cumpra [...]”. Antonio, dizendo-se pronto para morrer, comentara:

Peço ao Duque meu senhor e ao tribunal que reduzam a multa à metade dos seus bens. Contento-me com o usufruto da outra metade, para a restituir por sua morte a esse gentil-homem que lhe raptou a filha. Só exijo duas condições impostas a esta mercê: primeira, que Shylock se converta ao cristianismo; segunda, que perante todo o tribunal, faça doação de tudo o que possuir, no momento da sua morte, a seu genro Lourenço e à filha.(SHAKESPEARE, s.d, pp. 157-158).

Tendo em vista as falas dos personagens Shylock e Antonio, percebe-se que Shakespeare coloca em cena uma difícil situação, tanto do lado do judeu quanto dos cristãos, no sentido de conduzir o leitor ou espectador a motivos passionais. Tanto Shylock quanto Antonio têm seus motivos pessoais, para não dizer éticos, no momento do pagamento da fiança, que é o quilo de carne do cristão. Nenhum dos dois está certo ou errado: de um lado, Shylock está amparado pelo rigor da lei, representado pela autoridade do doge de Veneza, porque, afinal, o contrato, assinado por ambos, lhe permite o cumprimento do acordo, por mais que ele seja absurdo; de outro, Antonio só poderá estar amparado pelo senso de clemência e sensatez, que pode estar acima, inclusive, da própria lei. De um lado, Shylock é inclemente, cruel, rancoroso, vingativo, ainda que amparado pela lei, base e princípio fundamental de sua cultura. De outro lado, Antonio fora imprudente, discriminador, intolerante, ainda que agora deseje que a clemência cristã esteja acima da lei, que para os inimigos é sempre dura. O desfecho revela, inevitavelmente, o poder retórico do cristianismo, e ao mesmo tempo, a sua capacidade de articulação e supremacia sobre as minorias judaicas.

Referindo-se ao final da peça, Harold Bloom afirma que

no final desse texto infinitamente irônico, sobra pouco para alegrar o soturno Antonio, a não ser os bens materiais recuperados e o anti-semitismo triunfante (...) (BLOOM, 2000,p.230)

Como já foi dito anteriormente, o autor não se posiciona diante dos fatos, mas apenas os apresenta como um drama encenado no palco. Mas é no mínimo curioso que,

apesar da suposta neutralidade de Shakespeare em relação à questão entre o judeu e o cristão em sua obra (neutralidade questionável, apesar de caracterizar o princípio de nossa argumentação), o dramaturgo não deixa de “assombrar as imaginações inglesas” (MESSADIÉ, 2003, p. 196), colocando em cena um personagem judeu tão rico em contradições e estranhezas quanto Shylock. Tudo leva a crer que o dramaturgo havia sido influenciado pela tragédia *The Jew of Malta* (*O judeu de Malta*, 1592), de seu contemporâneo Christopher Marlowe, que igualmente desenha o retrato de um judeu inevitavelmente estereotipado que assombrou imaginações em seu tempo.

Por mais que ambas as peças tenham sido lidas a partir de seus elementos anti-semitas, em determinados momentos da história da crítica, é sempre imprescindível dizer que a posição de Shakespeare é mais sutil e complexa do que parece à primeira vista. (Mas isso não quer dizer que Marlowe tenha sido conservador e preconceituoso, na exposição de seu drama). De qualquer forma, mais do que levantar hipóteses sobre a visão pessoal de Shakespeare a respeito dos conflitos étnicos, o que nos cabe discutir, refletir e debater é o alcance de sua interlocução e dos desdobramentos desta em diferentes campos do conhecimento humano.

Observa-se uma polêmica que não nos permite um distanciamento impessoal, pois Shakespeare consegue envolver, entre as questões que permeiam a tragicomédia, os conflitos que moram no coração dos homens. A esse respeito, Harold Bloom (2000, p. 243) ressalta: “o que restaria a Shylock após mutilar Antonio? O que resta a Antonio após esmagar Shylock? Na ambivalência shakespeariana, não pode haver vitórias”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O mercador de Veneza*, de William Shakespeare, apesar de ser considerada uma de suas comédias, aborda o problema sombrio do anti-semitismo no indivíduo e na História. Sua análise permite compreender as convicções e crenças do judaísmo, suas perseguições na Europa, e os conflitos seculares entre cristãos e judeus.

Shakespeare escreveu uma comédia sombria na qual a justiça e a misericórdia foram colocadas em pauta diante de duas culturas e na qual complexas implicações éticas foram sutilmente transmitidas ao público. Muito embora o judaísmo não fosse uma realidade incômoda para a Inglaterra do fim do séc. XVI (pelo menos não tanto quanto para a Península Ibérica, por exemplo), duas reflexões postas no palco elisabetano (*O judeu de Malta*, de Marlowe, e *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare), evidenciam que o problema ainda ganhava dimensões trágicas, como resquício de conflitos sociais da Idade Média. Pelo

menos 200 anos antes, Geoffrey Chaucer havia colocado em sua obra máxima, *Os Cantos de Cantuária (The Canterbury Tales)*, a história polêmica e comovente de um jovem garoto cristão assassinado num bairro de judeus, quando por ali transitava cantando canções à Virgem Maria. O conto era inspirado na famosa história verídica de Hugo de Lincoln, um menino cristão assassinado no séc. XIII, e cuja morte teria levado a acusações anti-semitas por parte da comunidade cristã.

Tudo isso quer dizer que, na época de Shakespeare, as rivalidades entre cristãos e judeus ainda era perceptível, embora muito desses rancores fossem reações a problemas imaginários, já que os judeus haviam sido expulsos da Inglaterra desde 1290. Shakespeare traça o complexo e instigante perfil psicológico de um personagem judeu, sem jamais ter visto um membro da comunidade de Israel, mas seu desenho revela perfeitamente os vícios discriminatórios do imaginário de seu tempo. Para não incorrer em erros históricos e visões distorcidas e extemporâneas na análise de *O Mercador de Veneza*, é preciso evitar a busca de elementos subjetivos na suposta decifração da “posição ideológica” do dramaturgo. Shakespeare já havia mostrado em peças anteriores, e haveria de revelar isso com mais argúcia em textos posteriores (lembre-se de peças como *A megera domada*, ou *Otelo*), que os conflitos humanos devem ser postos no palco, não com o olhar da preferência étnica ou cultural, mas com o talento do dramaturgo que põe em cena as diferenças que caracterizam as culturas, as raças, as etnias e os gêneros. Shakespeare não pode ser visto como misógino em *A megera domada*, nem necessariamente anti-muçulmano em *Otelo*. Mais que isso, em textos como esses, somados às complexidades de *O mercador de Veneza*, Shakespeare revela-se um extraordinário pesquisador das divergências humanas, o que infelizmente levou muitos a considerar suas investigações como sinal de prática discriminatória. Não é à toa que Hitler sempre fazia questão de que *O mercador de Veneza* fosse encenado na Alemanha nazista: nas montagens mais célebres, Shylock era representado como um anticristo inclemente e diabólico.

REFERÊNCIAS

BAHBOUT, Scialom. *Judaísmo: história, cultura, preceitos*. Rio de Janeiro: Globo 2002.

BLOOM, Harold. *Shakespeare: a invenção do humano*. Trad. José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente – 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

HELIODORA, Bárbara. *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MESSADIÉ, Gerald. *História geral do anti-semitismo*. Trad. Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUTRAN, M. e STEVENS, K. *O teatro inglês: da Idade Média até Shakespeare*. Rio de Janeiro: Global Editora, 1988.

NEUSNER, Jacob. *Introdução ao judaísmo*. Trad. Richard Steigmann-Gall. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

POESIA, Arnaldo. "William Shakespeare", in:
www.starnews2001.com.br/Shakespeare.HTML. acesso em: 28/08/2007.

SCHEINDLIN, Raymond. *História ilustrada do povo judeu*. Trad. Miriam Groeger. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SHAKESPEARE, William. *O mercador de Veneza*. Porto: Lello e Irmão, s.d.

AGRADECIMENTOS: Agradeço a Deus por dar-me forças para concluir este trabalho; aos meus pais, por me apoiarem sempre nos estudos e ao meu Orientador, Professor Luís André Nepomuceno, pelo carinho e atenção prestados durante este projeto.